

PENSAR COM O CORPO E A ESCULTURA *KUKU* NA CAPOEIRA ANGOLA

Yohana C. dos S. Rosa¹
(*Ifáqladémqlà Ifáqlá Adeqlá*)

João V. Godinho²

“A história nos engana
Diz tudo pelo contrário.”

Ladainha do Mestre Moraes
“A história nos engana”

A presente comunicação propõe uma reflexão sobre a tradição da Capoeira Angola, com atenção aos ensinamentos de Mestre Pastinha, que elabora, por meio de seus manuscritos, uma ética e um modo de vida para capoeiristas. Além disso, o trabalho apresenta a figura angolana conhecida como Kuku, também associada à imagem de “O Pensador”, buscando, a partir de uma abordagem experimental, compreender como sua postura corporal e intelectual pode constituir uma referência para praticantes de Capoeira Angola. Nesse sentido, o trabalho se organiza em dois momentos. No primeiro, são apresentados trechos dos escritos de Mestre Pastinha, compreendidos como formulações que, até a atualidade, orientam uma ética própria dessa tradição. No segundo, se apresenta o Kuku, destacando como sua materialidade contribui para a compreensão da postura e para a formação ética e corporal de capoeiristas. A partir dessa articulação, se propõe refletir como, em diferentes contextos históricos, os manuscritos de Mestre Pastinha e a figura do Kuku contribuem para a construção de uma formação ética e corporal própria da Capoeira Angola.

No contexto da diáspora africana no Brasil, a Capoeira Angola se configura como uma prática cultural que não se restringe a uma técnica corporal, mas se constitui também como um espaço de produção de conhecimentos, valores e modos de existência. Tais dimensões operam tanto na chamada “roda de dentro”, academias, treinos e espaços de aprendizagem, quanto na “roda de fora”, que envolve trabalho, cotidiano e vida social mais ampla. Nesse movimento, a prática contribui para a construção de equilíbrio e consciência, mobilizando dimensões corporais, intelectuais e espirituais na formação de capoeiristas.

Para pensar a Capoeira Angola, se torna fundamental abordar a trajetória de seu principal sistematizador no século XX, Vicente Ferreira Pastinha, nascido em 5 de abril de 1889, em Salvador, onde também faleceu. Ainda criança, iniciou sua formação na capoeira com Mestre Benedito, descrito como “um preto natural de Angola”, responsável por ensinar a prática a diversas crianças de sua vizinhança. Em entrevistas, Mestre Pastinha reconhece a existência de muitos mestres antes de

¹ Doutoranda em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAA) na Universidade Federal do Paraná (UFPR) . Membro do Grupo de Capoeira Angola Zimba Curitiba. Contato: yohana.rosa@ufpr.br

² Licenciando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Grupo de Capoeira Angola Zimba Curitiba. Contato: joaogodinho@ufpr.br

sua atuação e relata que, em determinado momento, recebeu a responsabilidade de preservar e cuidar da capoeira em Salvador.

Em sua obra *“Capoeira Angola por Mestre Pastinha”* (1988), Mestre Pastinha indica que seu objetivo era apresentar uma visão panorâmica das possibilidades da Capoeira Angola, tanto como forma de defesa pessoal quanto como prática de desenvolvimento físico. A denominação “Angola” remete a sua origem no continente africano e ao processo de escravização, marcado pela presença de pessoas africanas, especialmente angolanas, que preservavam modos de existência anteriores à condição de cativo. Nesse sentido, a Capoeira Angola se configura como uma prática atravessada por memórias e recriações.

Mestre Pastinha (1988) também afirma que a Capoeira Angola é, antes de tudo, uma luta, ainda que, em determinados contextos, possa se aproximar de uma dança acompanhada por instrumentos como o berimbau. Em contraste com outras práticas corporais presentes em Salvador, a Capoeira Angola se caracteriza por uma dinâmica que oscila entre o confronto direto e movimentos controlados, nos quais os golpes passam próximos ao corpo, evidenciando técnica, malícia e domínio. Nessa perspectiva, a *“ginga”* aparece como elemento central, expressando flexibilidade, estratégia e uma ética corporal própria dessa tradição.

A arte de pensar ou o Kuku como prática

No contexto angolano, a escultura conhecida como “O Pensador” tem origem entre o grupo social Chokwe, localizado ao norte de Angola. O *Kuku* (Cuco), também denominado *Samanhonga* ou Pensador, constitui um elemento do imaginário material e um objeto que integra a tradição de adivinhação nesse território. Existem diversas narrativas sobre sua origem e sobre os processos pelos quais o Kuku se tornou um símbolo nacional de Angola, figurando, inclusive, nas cédulas do *kwanza*. Sua presença se estende a espaços de resistência cultural, instituições de ensino e práticas comunitárias, configurando uma força que atravessa o Atlântico e que, de maneira singular, permanece orientando perspectivas e modos de agir coletivos.

Ao aproximar essa figura da Capoeira Angola, não se busca estabelecer uma relação direta de origem ou continuidade linear, mas reconhecer afinidades nos modos de produzir corpo, pensamento e atenção. Assim como o Kuku condensa uma postura reflexiva e uma forma de leitura do mundo, a Capoeira Angola também exige de quem a pratica uma disposição que articula corpo e pensamento em movimento. Nesse sentido, a posição do Cuco pode ser compreendida como uma imagem que tensiona e ilumina a formação ética e corporal do capoeirista, na medida em que remete a um estado de observação, escuta e elaboração contínua, elementos fundamentais na roda, onde agir implica, antes de tudo, saber esperar, perceber e responder e, quando necessário, retornar ao pé do berimbau, ao primeiro estágio do capoeirista, a reflexão.

Além disso, a similitude entre Mestre Pastinha e a figura do Kuku se estabelece, sobretudo, pelo símbolo que os constitui: a sabedoria. Ambos representam a transmissão de conhecimentos produzidos ao longo da trajetória dos anciãos, cuja circulação, em grande medida, ocorre por meio da oralidade. Contudo, essa noção não se encontra restrita à figura de Pastinha, mas se estende aos mestres de Capoeira Angola de modo geral, que carregam e transmitem os valores dessa prática a seus alunos, garantindo não apenas sua existência, mas também sua continuidade.

No interior das vivências que compõem a capoeira, se destaca a formulação de “frases” no jogo, entendidas como os golpes que estruturam a dinâmica de pergunta e resposta. Nesse sentido, a expressão corporal exercida pelos praticantes pode ser compreendida como um diálogo, no qual cada movimento carrega uma proposição, de modo que o corpo não apenas reproduz técnicas aprendidas nos treinos, mas também estabelece uma forma de comunicação com o outro. Nas palavras de Mestre Pastinha, “*capoeirista não é aquele que sabe movimentar o corpo, e sim aquele que se deixa movimentar pela alma*”. Nessa formulação, a noção de “alma” assume um papel central, evidenciando o caráter existencial da Capoeira Angola, que também pode ser percebido na figura do Kuku. Nessa relação entre corpo e pensamento em movimento, reafirma-se a necessidade de compreender a capoeira como uma prática na qual ação e reflexão se constituem de maneira inseparável.

A formação ética e corporal na Capoeira Angola não pode ser compreendida apenas como resultado de um conjunto de técnicas corporais e de relação com a ancestralidade individual, mas, sobretudo, coletiva, como um processo contínuo de elaboração de si que articula corpo, pensamento e relação com o outro. Nesse sentido, os ensinamentos de Mestre Pastinha, ao enfatizarem a malícia, o controle e a *responsabilidade* no jogo, indicam que a capoeira exige mais do que habilidade, requer uma postura diante do mundo. Ao aproximar essa perspectiva da figura do Kuku, compreendido como uma imagem de reflexão, observação e leitura atenta do entorno, torna-se possível perceber que a formação do capoeirista se dá na intersecção entre ação e pensamento, entre movimento e pausa. Assim, tanto os escritos de Pastinha quanto a materialidade do Kuku apontam para uma ética que não separa corpo e intelecto, mas os constitui mutuamente, orientando práticas nas quais saber jogar implica também saber escutar, esperar e decidir. Desse modo, a Capoeira Angola se apresenta como um espaço de formação no qual o capoeirista aprende não apenas a se mover, mas a existir em relação, produzindo modos de vida que articulam atenção, responsabilidade e consciência.

“Vou me embora, vou me embora pra Angola”: considerações finais

A articulação entre os ensinamentos de Mestre Pastinha e a figura do Kuku permite compreender a Capoeira Angola para além de uma prática corporal, a evidenciando como um campo de formação ética, intelectual e sensível. Ao aproximar essas duas referências, se torna possível perceber que a construção do capoeirista envolve não apenas o domínio técnico, mas também uma disposição para a escuta, a observação e a reflexão. Nesse sentido, os manuscritos de Pastinha e a imagem do Kuku contribuem para pensar a capoeira como uma prática que produz modos de existência, nos quais corpo e pensamento não se separam, mas se constituem mutuamente.

A ética, nesse contexto, pode ser compreendida como uma forma de orientação da ação que articula corpo, pensamento e relação com o outro, constituindo-se não como um conjunto de normas fixas, mas como uma prática situada, produzida na experiência da roda e nas relações que atravessam a Capoeira Angola.

Referências

ALBINO, Vera. Protecting Chokwe Thinker. *Inventa*, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://inventa.com/ip-news-insights/opinion/protecting-chokwe-thinker>. Acesso em: 20 abr. 2026.

MESTRE PASTINHA, REI DA CAPOEIRA. TVE Bahia, 2019. Documentário. Disponível em: <https://youtu.be/Aiufa8mh9fs>. Acesso em: 20 abr. 2026.

PASTINHA, Mestre. Capoeira Angola Mestre Pastinha. 3 ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988. p.57.

YANGE, Maria Lopes. Museu de Antropologia de Angola e o legado de Joaquim Tchindje. *BANTUMEN*, 22 fev. 2026. Disponível em: <https://www.bantumen.com/artigo/museu-antropologia-angola-joaquim-tchindje/>. Acesso em: 22 fev. 2026.